

CRÍTICA DA MORAL

Ontognosiologia dos novos paradigmas morais e
jurídicos do nosso tempo

Mariano Soltys

Catálogo

SOLTYS, Mariano. **Crítica da Moral:** ontognosiologia dos novos paradigmas morais e jurídicos do nosso tempo. São Paulo: Livrorama, 2012.

Prefácio do autor

Crítica da moral é uma obra única, diferente de muitas que já vi. É a reunião de alguns ensaios filosóficos que escrevi e tem como tema os valores. Não se trata de nada acadêmico, mas de um livro leve e bem humorado, mais acessível que outros do gênero e de rápida leitura. Também é trata de Direito, especialmente o Constitucional, em seus novos paradigmas. Faço um paralelo em especial com o que chamo de antiga moral e nova moral, traçando transformações sociais e novos valores, que vem surgindo com a tecnologia e informação cada vez mais rápida, sendo que não prego nada, apenas critico. Falando no título, o significado que dou a crítica na verdade é ciência, e não apenas uma oposição ou comentário, estando assim longe de pré-conceitos. Também faço uma análise das diversas modas e modismos, e levo o leitor a refletir o porquê de existirem alguns absurdos de comportamento. Ainda trago novas teses, novos conceitos sobre o que a minha filosofia semeia, e por qual rumo pretendo chegar a uma nova cosmovisão. Não ainda sem metalinguagem, escrevi sobre a escravidão humana em capítulo a que chamei “Contra o adestramento do humano”, onde por a sociedade observar levo o leitor a esse reflexão sobre a atual

condição da humanidade. Um livro que induz a reflexão e a questionar os antigos valores. Boa leitura.

Prefácio

Muito feliz foi o autor desta obra ao eleger a ética como tema de sua reflexão. Dizem que os clássicos são aqueles que, inobstante sua época, são sempre atuais. Ora, quem faz bom trabalho abordando a ética tende a se consagrar como clássico porque essa dilemática é sempre candente e atual. A ética é cheia de paradoxos. E paradoxos são verdades colocadas de cabeça para baixo para chamar nossa atenção. A obra não chega a ser uma transvaloração de todos os valores como nô-lo fez Nietzsche, aliás, é bom melhor que não no seja. Até mesmo porque já passou a época da iconoclastia xucra e absurda como nos tempos de outrora. A iconoclastia se presta a desfazer entendimentos preconceituosos errôneos. Mas o mundo girou e o ceticismo está em alta. Agora nos encontramos em situação diametralmente oposta: precisamos de modelos, de referenciais teóricos, de algo que colmate o vazio deixado pelas investidas pirrônicas. Mariano faz a *pars destruens* e a *pars construens*. É, simultaneamente, Husserl e Heidegger. É o homem que demole o velho e erige o novo sofisticado. Vivemos a era do *pensiero debole*, mas Mariano, não. Ele é a personificação da cerebralidade germânica, é um austro-descendente que exaure a temática abordada, esquadrinha céus e terra para nos dar comodamente os porquês e para quês. Quanto maior o problema mais facilmente ele encontra resolução nos meandros mentais desse mestre que aqui nos fascina com seus ensinamentos. Maltratada essa nossa filosofia, o autor se esconde sob a pele de um modesto advogado, justamente ele, que em

verdade é uma verdadeira fúria filosófica. Quando um cérebro possante se dedica à ciência de pronto sua inteligência é reconhecida. Mas o gênio filosófico encontra outro agouro. O que mais direi aos seus leitores, meu nobre amigo Mariano? O que o vulgo levará 300 ou 400 anos para descobrir em Vossa Mercê eu vislumbro desde já. De toda sorte, agradeço a chance de apor meu singelo nome nas entranhas destas laudas e nutro a esperança de que o leitor seja contagiado com um pouco da radiação da sua magnífica personalidade.

Cléverson Israel Minikovsky, bárbaro eslavista

Sumário

1-Uma outra moral.....	10
1.1 A origem da moral antiga	13
1.2 Fatos que inauguram uma outra moral	16
1.3 Um extremo moral só pode ser reação a outro ..	19
1.4 Da transição de um governo <i>yang</i> para <i>yin</i>	22
1.5 Das assinaturas da moral como símbolos.....	23
2 - Reflexões Irrefletidas.....	26
2.1 Povo.....	27
2.2 Liberté	28
2.3 Amor	30
2.4 Mudo	32
2.5 Direito e justiça	34
2.6 Política.....	36
2.7 Indivíduo	37
2.8 Originalidade	39
3 - Desvalores.....	41
3.1 Superstições valorativas	43
3.2 Máximas que viraram mínimas	45
3.3 Modas e paranoias	47
3.4 Grandes verdades.....	48

3.5 O fim da picada	50
4. Opiniões	51
4.1. Felicidade.....	42
4.2. Insônia.....	48
4.3. Cerveja	52
4.4. Festa tradicional.....	53
4.5. O gosto de atriz.....	54
4.6. <i>Flogs, blogs</i> , sites de relacionamento	54
4.7. “Se achar”	56
4.8. Humildade	56
4.9. Futebol	57
4.10. Instituição	58
4.11. Fé na luxúria.....	60
4.12. Heroísmo em novelas	60
4.13. Serviço militar	62
4.14. Sobre o desarmamento	63
4.15. Sofrimento	63
4.16. Obrigação.....	64
4.17. Coragem.....	65
4.18. Idade.....	66
4.19 Fundamentalismo e religiões.....	67
4.20 Loura	68
5- Contra o adestramento do humano	61

6. Questões constitucionais avançadas.....	75
6.1 Inconstitucionalidade de lei velha e CF nova	77
6.2 A Constituição no desenvolvimento do direito.	80
6.3Direitos fundamentais aplicados para a Administração Pública	84
6.4 A geração dos direitos constitucionais.....	87
6.5 A memória Constitucional.....	91
6.6 Controle de prognóstico de leis pelo STF	96
7. Novas premissas	99
7.1 O complexo das maçãs de Vênus.....	100
7.2 A outra moral em paralelo ao que não prestava	101
7.3 Sobre o triplo reflexo dos acontecimentos na vida	102
7.4 A cultura da imagem	103
7.5 Triplo equilíbrio.....	104
7.6 Pararrazão	105
7.7 Sobre a atualidade evolutiva do amor	107
7.8 Compensação racial amorosa	108
7.9 Equilíbrio das crenças.....	109
7.10 Propaganda de senso comum.....	110
7.11 Diversidade humana.....	111
7.12 Padrão de beleza anoréxico-anabolizado	112
7.13 Otimismo independente.....	113

UMA OUTRA MORAL

O novo paradigma do nosso tempo

Introdução

O presente capítulo trata da mudança dos valores morais, principalmente pela revolução feminina e libertação dos valores espirituais do passado. Falo sobre uma provável origem da moral ocidental e trago à tona a nova moral, esta de liberdade e de individualidade. Também trato de como isso se faz na sociedade e inaugura um novo tempo. Critico exageros e falo das assinaturas dessas morais nos objetos. Um ótimo capítulo para refletir em linguagem simples. Poderíamos chamar essa nova moral de pós-moderna, apesar de não estar bem definido o que se deseja atualmente, tamanha a diversidade de interesses. Daí do ponto central ser um pluralismo onde cada um faz o que quer, num verdadeiro "caos". As antigas regras de disciplina se veem cada vez mais vulneráveis, não tendo o mesmo efeito de antigamente. A antiga honra nos negócios também se viu ferida, sendo hoje grande parte da população inadimplente, sem peso de consciência. Também o que se refere a relacionamento íntimo não tem mais regra definida, valendo a regra da "fila anda", o que motiva cada vez mais a separações judiciais e relações extraconjugais até toleradas. Fica-se careca de tanto relacionamento. O que antigamente valia para o caráter, hoje vale para a aparência, sendo um verdadeiro tesouro ter corpo e rosto belos, o que faz gastar-se muito em academias e clínicas de estética. A sensação de insegurança também virou uma obsessão, principalmente porque não se leva em conta a nossa sociedade, com suas exclusões, pobreza e desemprego. Usar assim das regras antigas já não tem qualquer fundamento, a não ser que se seja fanático ou fundamentalista, uma vez que a vida moderna tornou tudo descartável, inclusive o próprio ser humano. A

moral se tornou também uma moral de bolso, de um ideal para consumir, onde se compra tudo, desde a salvação por parte da religião, até ao sexo e simples companhia de amizades. O mundo virtual faz as pessoas darem asas a personalidades sombrias, revelando fantasias de toda a ordem de acordo com gosto pessoal e com falsa crença de impunidade. Vemos assim o egoísmo como ideal, o que faz as pessoas desconfiarem de todos os outros, torna nossa sociedade algo insustentável. O mundo se tornou pequeno e não raro alguém tenta viver um sonho no exterior, descobrindo que pouco muda pela simples mudança de endereço ou nação. A inocência das pessoas foi perdida, sua moral decaída, sua queda revelou a própria vergonha, como se feito Adão e Eva no paraíso. Mas vivemos onde vivemos e temos de nos adaptar ao nosso tempo. Cabe apenas nos tornarmos pessoas melhores após refletir no que realmente defendemos, na nossa sinceridade real.

1.1 - A origem da moral antiga

A nossa antiga moral tem origem em maior parte influenciada pelo padrão judaico-cristão, ou melhor, egípcio. Especialmente as "42 leis de Ma'at" têm significado especial, demonstrando que os egípcios tinham uma moral elevada, não sendo os monstros relatados na Bíblia. Antes dos dez mandamentos havia preceitos que diziam, por exemplo: "Não fiz mal algum. Não prejudiquei ninguém e nem causei sofrimento"; "Não fiz com que ninguém sentisse dor, nem provoquei tristeza."; "Não acusei ninguém falsamente, nem jamais apoiarei nenhuma falsa acusação"; "Não devastei a terra lavrada, nem causei a destruição dos campos"; "Não cometi estupro, nem forcei nenhuma mulher a cometer adultério", além de regras sobre assassinato, roubo, com relação a propriedade, fraudes e maldades em geral. Por outro lado, entre alguns dos preceitos dos dez mandamentos, há o de "não cobiçar a mulher do próximo" e "não adulterarás", que tem como base o pecado e uma espécie de machismo, tanto que a principal vítima nas escrituras é a mulher, sendo por vezes tratada como pecadora e motivando apedrejamento ou ida para a fogueira, por adultério ou algum outro pecado ou desrespeito a um dos 618 mandamentos (judaicos, que inclui regras alimentares etc). Isso significava em grande parte a restrição da liberdade sexual da mulher, além de regras gerais para coibir práticas malignas ao grupo ou que blasfemem Deus. Muitas das regras civis e penais atuais ainda têm base nessa cultura, o que por vezes não condiz com costumes atuais. O que é agradável nessa moral é a utopia de tratar bem o próximo, de evitar atos nocivos como mentira, furto, assassinato e outros, apesar de limitar a justiça a vingança (olho por olho, dente por

dente). Mas o aspecto que nos interessa é que chegou a fazer juristas do passado tratarem a mulher como "honesta" ou não, ou seja, aquela que tinha ou não liberdade sexual e que vivia ou não na dependência do homem, seja este pai, irmão, namorado, noivo ou marido. Desta feita, ela não tinha disposição do próprio corpo e até mesmo da intimidade. Houve até o cúmulo de uma expressão chamada "legítima defesa da honra", onde um marido poderia matar sua esposa e amante em adultério e ser absolvido do crime. Era essa a pretensa "pureza" e "castidade" que fundamentou uma moralidade preconceituosa e em defesa de certos interesses. E ocorreu que isso chegou a influenciar até a lei (como proibição do divórcio, crime de adultério, crime de sedução, rapto etc) há até tempos recentes. Até mesmo a menstruação, fato natural de renovação e limpeza do útero, foi tratado como "imundícia". Mesmo nos dias de hoje vemos a desinformação assolar algumas meninas na sua primeira menstruação, mesmo até em sua iniciação amorosa, haja vista rigorosos padrões da antiga moral.

Outrossim, tudo se somava para que se edificasse aquela moral, moral onde o homem podia muito e a mulher pouco, próprio daqueles tempos onde o homem era chefe da família (*pater familia*). Quem agisse diferentemente já era taxada de vagabunda, "que não vale nada", prostituta, bucho etc. Contrariamente a essa moral, vinham os costumes das bruxas, de origem celta e outros cultos chamados de "pagãos", pelo simples fato de serem diferentes e por terem talvez uma deusa. Nestes cultos o que geralmente havia era uma espécie de naturalismo ou até mesmo medicina natural, o que no passado era visto por cristãos como magia negra, ou algo para prejudicar alguém. Também as ciganas tinham costumes não bem vistos por cristãos, o que as tornava "mal faladas", por terem conhecimentos esotéricos como leitura de cartas, bola de cristal, mãos etc (como se a Bíblia não fosse um livro cheio de milagres, predições e magias...). Em verdade, todas essas mulheres foram

revolucionárias da liberdade e questionaram os valores sociais, tendo após elas Joana D'Arc e anteriormente egípcias como Cleópatra e Nefertite, dentre outras. Isso tudo antes de qualquer feminismo organizado. Entre nós não podemos esquecer de Anita Garibaldi e Dona Leopoldina, importantíssimas sob ponto de vista político de nossa região e país. É um enigma a origem dessas reações das mulheres.

Essa moral, que não tem a ver com religião, mas com certo tempo natural, e que é do masculino, é na verdade a chave desse inicial enigma. Jesus tinha mulheres por discípulas, da qual a principal talvez foi Maria Madalena. A Igreja Católica tem santas e o culto é quase total a Maria. Os costumes para a antiga moral devem ter algo de cultural, mas agnóstico. Quando pensamos no passado, talvez não poderíamos naquele tempo questionar esses costumes, mas atualmente o podemos. O que resulta na chave me veio revelado na filosofia chinesa taoísta, onde há dois princípios cósmicos chamados *Yang* e *Yin* (masculino e feminino) que se opõem e se complementam. Diferentemente da visão de outras filosofias, onde o que é oposto é o mal, no taoísmo é complementar e necessário. Estamos passando assim numa transição de moral, que antes era *Yang* ou masculina (onde havia o pai de família), para uma *Yin* ou feminina (onde há a mãe de família). Assim vemos mulheres chefes de casa, dominando o mundo moderno, principalmente no trabalho, superando todo aquele domínio passado onde o destino da mulher era casar, cuidar dos filhos e casa. Mas a dimensão estética vem assim edificar toda essa visão, onde faltam espelhos de tanta vaidade que há nas pessoas, inclusive homens "metrossexuais" que se multiplicam. A antiga moral assim era toda fundada na visão de varão do mundo, tanto na política, na família, nos diversos campos de interação social, inclusive na lei. Hoje a mulher é bem outra de tempos atrás e não se vê mais com um destino caseiro ou sendo obediente a marido. O padrão que no passado arrumou tantas guerras, talvez

no futuro arrume fome e orgulho por causa de desfiles de moda e tratamentos de beleza. Há quem gaste tudo o que tem numa cirurgia de reparação facial, como para alterar nariz ou orelha, ou mesmo para aumentar o seio, sem contudo refletir num uso mais racional de tal dinheiro. Tomara que haja no futuro, numa nova moral uma maternidade internacional, a ideia de acabar com a fome mundial, ao invés de se preocupar com futilidades e caprichos. Essa é a outra moral que falarei no próximo capítulo com maiores detalhes.

1.2 - Fatos que inauguram uma nova moral

Muitos foram os fatos que inauguraram uma nova moral, uma moral mais flexível e tolerante. O ato emocional que os adolescentes chamam de "ficar" é um exemplo. Esse ato deve ter se iniciado com a liberdade de ter certos afetos com alguém sem ter algo formal com este. É a proximidade do menino e da menina, do *yin* e *yang* de que falamos noutro capítulo. A questão que fica é que cada um faz a sua vontade, descobrindo sua verdadeira natureza sem aquelas proibições e rigorismos do passado, ou da moral do passado. Claro que isso gerou também uma série de infantilidades, que nos levam até outra nação antiga, a Egípcia, e suas divisões de tempo. As eras ou tempos foram lá

chamadas de *Aeons*, sendo que nos encontramos no do Hórus. Hórus é criança, tem o dedo na boca. Filho de Isis e Osíris, representa assim um tempo de guerra, infantilidade e liberdade. Esse tempo não é pouco, mas deve durar 2000 anos! Semelhante a era astrológica, podemos assim comparar com a era de Aquário, feminina por excelência e que fez festarem aquelas pessoas nos anos 60, influenciando até hoje com humanismo, ciência e de novo emancipação da mulher. A nova moral vem assim refletindo esse tempo com a característica desses deuses ou signos zodiacais, vindo do céu, apesar de alguns acharem que vem lá de baixo. O tempo passado era o de Osíris, ou Era de peixes (daí o símbolo cristão), que representava espiritualidade e desprendimento do mundo, tendo uma moral rigorosa quanto à sexualidade (basta lembrar-se da Idade Média...). Grupos de esoterismo mais modernos defenderam um novo tempo, onde essa nova moral vai reinar. Como a moral surge com a metafísica, talvez estejam corretos esses grupos ocultistas de vanguarda. Basicamente a energia que nos envolve mudou, sendo que as pessoas mais simples as recebem e seguem o rumo, deixando-se levar pelos acontecimentos. Falemos sobre alguns fatos.

A participação da mulher em vários campos sociais é a maior revolução de todos os tempos. Independente, capaz, livre, batalhadora e acima de tudo, feliz por ser mulher. Quando falo independente, entenda-se da dependência econômica do homem. Esta busca de igualdade de direitos é que colocou a mulher em um lugar até então desconhecido, onde há uma diversidade natural. Mas isso não a torna inferior, podendo por outro lado tornar até superior. Esse é o medo da cultura machista: que a cultura feminina seja melhor do que aquela que foi até então. Então, o fato de uma mulher se relacionar com vários homens, que busque o prazer, que tenha prazer, foi outro escândalo em relação a moral do passado. Tem-se como motivo a proteção da família, porém não é esse o foco e se tratam geralmente

de mulheres sem filho, e, o homem mesmo com família têm as vezes suas amantes. Por consequência, se no passado não se condenou o homem, seria contraditório condenar a mulher pelo seu comportamento, especialmente a lei que protege justamente igualdade de direitos. Dessa feita, a moral castrativa do passado era apenas para as mulheres, sendo letra morta para alguns homens, quando não a cumpriam.

O grande escândalo para a antiga mulher talvez foi a mesma sair de casa e trabalhar, superando aquele paradigma de se preparar para casamento, casa e filhos, como plenitude de sua existência. Vemos assim *Yin* prosperando, com sentimentalismos justificando condutas de todos, com a busca de outros valores, antes deixados a margem da relevância. Superou assim aquelas definições de mulher "mal falada", não honesta etc, do passado. É finalmente dona de seu próprio corpo, antes aos cuidados dos homens, como pai, irmão, marido etc. Não há mais servidão. Aliás, diz de outra forma que "os escravos servirão". Toma assim seu amor com quem quiser, quando quiser, onde quiser, e isso já desde sua tenra idade, desde pré-adolescência, se livrando da "honra" que escravizava seu desejo no passado. Já quando cresce, ela decide quando deve ou não trair, quem pode beijar, se pode casar novamente, se pode fazer o que tem vontade, não mais correndo o risco de ser apedrejada com base em religião ou morta com base na "legítima defesa da honra" de seu marido, e não sendo também comparada a uma coisa ou objeto cobiçado pelo próximo, como se fosse coisa (*res*), como o foi nas Roma e Grécia antigas. Pode ter liberdade sem ser prostituta. Antigamente até a cantora e a atriz eram más vistas pela sua vocação. Hoje o fato se repete com mulheres comuns, pois as famosas são idolatradas pelos seus escândalos, e, não se refere ao ato de ser atriz ou cantora. A antiga moral era a favor de nós homens, uma invenção gerada pela intuição de um outro tempo, de uma outra Era. Vieram ainda feministas mais extremas, justificando a homossexualidade ou

lesbianismo no ódio que tem pelos homens. Um extremo tal não é bom para ninguém, e a homossexualidade é natural, quando existe, não tendo a ver com reação a machismo ou feminismo. O fato de tentar odiar o que na verdade atrai é uma insegurança afetiva, tanto para a mulher, quanto para o homem, e sempre há pessoas legais para se conviver afetivamente, não sendo "todos os homens" do mesmo modo. Parece que como a filosofia chinesa pregava, deve haver certo equilíbrio entre *yin* e *yang*, para que não ocorra o pior. Já dizia Aristóteles que nenhum extremo é bom. Talvez aqui isso se enquadre plenamente.

1.3 - Um extremo moral só pode ser reação a outro

Provavelmente uma moral privada extrema só pode ser reação a outra anterior. Desse modo, existiu em tempos imemoriais uma moral feminina (*yin*), em tempos primitivos, onde o homem ocupava papel secundário, ou seja, apenas servia para a reprodução. Disso apenas restou o mito das "amazonas", de uma tribo formada unicamente por mulheres e meninas. A essa moral que a moral de que falamos reagiu. Na provável sociedade formada unicamente por mulheres devia ser comum nos nascimentos o sacrifício dos meninos a alguma deusa e se criavam as meninas. Os homens, após o ato de amor também devia ser reservado algum ritual de sacrifício.

Voltando a moral, esta devia ser voltada para um sistema todo feminino nas amazonas, bem como em sociedades assemelhadas, sendo lunar ou *yin*, muito

passivo e dependente de fenômenos naturais, restando apenas a bruxaria (hoje *wicca*, diferente) como herança desses mistérios, com conhecimentos onde se tem suma importância a intuição, característica amplamente reconhecida como feminina. Divinizaram assim os fenômenos naturais. Isso gerou um foco de poder concentrado na mulher, nos seus valores, em torno desses mistérios femininos, relativos à "deusa". Nesse tempo, há muito tempo atrás, talvez antes dos relatos das nossas escrituras, a mulher é quem podia tudo, inclusive matar o homem e o menino. Devem ter dominado muito tempo sob um regime ditatorial, provocando medo nos homens que eram minoria e frágeis. Tais homens devem ter se afastado e formado tribos alternativas, o que resultou também numa outra moral e religião, com um "deus" masculino e valores machistas. Isso talvez tenha sido o que gerou mitos como o de Eva sendo culpada de um crime ou pecado original, de alguma queda, sendo que há histórias em outras mitologias africanas que se assemelham a essa. Deve ter havido uma "guerra dos sexos" maior na história e a última tribo prevaleceu, tendo homens no poder político e sacerdotal, além de criar as meninas com regras severas de comportamento, retirando previamente o seu poder.

Dessa feita, a moral privada que tem ainda uma vigência tímida, foi reação a uma moral anterior. Como eu acredito que o processo seja cíclico, vejo que atualmente há uma outra moral feminina surgindo, sem guerra, onde a mulher decide o que deve ou não fazer de sua vida. Assim sendo, diante de todas as submissões e humilhações decorrentes da relação com homens, ela conquistou liberdade trabalhando e sustentando a casa e separando-se desse homem, se ele foi tirano com ela (como uma reminiscência daquele tempo de sua mãe e avó). O que devemos analisar é que podemos superar essa dialética severa, buscando um humanismo onde homem e mulher enfrentam o mistério que é a existência juntos, formando uma verdadeira unidade,